

# ECOS

## da Academia de Saberes



---

Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

---

Ano VII - Nº 2 – Março de 2013

### Nesta Edição:

#### Em Foco

- A Comunicação na Sociedade Actual /A importância de saber comunicar
- Entrevista com o Presidente da Assembleia Geral
- Notícias da Academia





## Ficha Técnica

*Ecoss da Academia de Saberes*  
Academia de Saberes de Aveiro

**Coordenação e Redacção**  
Área de Comunicação

### Informatização e Paginação

António Coutinho Dias e Maria Cacilda Marado

**Nota:** Escrito de acordo com a ortografia antiga.

### Colaboradores desta edição

Aida Viegas  
Albertina Vaz  
Anne Bartlett  
Conceição Neiva  
Darlindo Lucas  
Diamantino Dias  
Graciete Manangão  
Isabel Maria Almeida  
José Carreto Lages  
Licínio Ferreira Amador  
Lindonor Silveirinha  
Manuela Cadete  
Maria Cacilda Marado  
Maria Celeste Salgueiro  
Maria Elizabete Azevedo  
Maria Helena Fidalgo  
Maria José Sampaio  
Maria Teresa Albuquerque  
Maria Vieira Sarrico  
Sílvia Paradela

## Editorial

Segundo a narrativa bíblica, no Génesis, um dos livros do Pentateuco, os homens de então construíram uma grande torre, a Torre de Babel, para chegarem ao céu e tornarem célebre o nome do homem. Simplesmente, Javé, o Deus hebraico, decidiu confundir-lhes as línguas para lhes impedir a sua empreitada, isto é, para arrasar as suas vaidades. Na verdade, hoje, como ontem, só a mão de um “deus” pode salvar-nos neste contexto de confusão em que nos movemos. Que os consensos, as boas vontades e a justiça transformem as torres, que enfatuam os homens, em pontes que os humanizem. Por outras palavras, que nos valha a comunicação, no ambiente de incomunicação em que nos movemos. O *Ecoss da Academia* pretende ser um espaço de partilha, de comunicação e, neste sentido, enriquece-se com a colaboração de todos os que quiserem dar voz à sua voz.

Finalmente, que este tempo de Quaresma seja o prenúncio de uma feliz Ressurreição.

*Maria Cacilda Marado*

# Notícias da Academia

## Em terras de Camilo Castelo Branco

No dia 5 de Março, a área de Comunicação realizou uma visita de estudo na qual todos os academistas foram convidados a participar. E, logo de manhã bem cedinho, que estes jovens não brincam em serviço, lá nos juntámos, no sítio do costume.

A boa disposição, a alegria, a sã convivência são atributos que sempre acompanham as visitas da Comunicação e, desta vez, não quisemos fugir à regra: houve cantorias, anedotas, e a necessária documentação sobre a vida e obra de Camilo Castelo Branco, que a nossa professora Cacilda Marado se encarregou de partilhar.

Em pouco tempo, quase ainda nem tínhamos acordado, e já estávamos em Famalicão, onde pudemos visitar a Fundação Cupertino de Miranda, cujo Museu é uma instituição cultural que tem por missão divulgar a arte moderna e contemporânea, especialmente o Surrealismo.

Acompanhados por um guia, que nos foi conduzindo pelos diversos salões expositivos, pudemos conviver com as obras dos melhores dos nossos artistas surrealistas, nomeadamente nos espaços destinados às colecções de Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e Fernando Lemos, bem como apreciar o Tríptico “A Vida” de António Carneiro, obra prima da pintura simbolista portuguesa.

O Museu estende-se ao longo de uma torre em espiral, para aproveitamento de espaço, e é de fácil subida, em seis andares, ocupando dezasseis salas. De salientar, a interessante decoração de luz que nos transmite um aspecto profundamente intimista.

À saída tivemos ainda oportunidade, numa rápida visita, de percorrermos algumas salas do Palácio do Barão da Trovisqueira e seguir para a Igreja de S. Tiago de Antas que, para além do corpo central da Igreja, de estilo românico tardio (como nos transmitiu a nossa colega Conceição Seabra), apresenta já alguns traços góticos.

O almoço foi no restaurante “Solar de Pouve” em plena ambiência dum norte sempre profícuo nos seus inúmeros verdes, que nos encheram os olhos e proporcionaram aos fotógrafos uma variedade de imagens inesquecíveis.

Após o almoço, rumámos à Casa Museu de Camilo Castelo Branco onde, depois de fechada a porta, sentimos reviver um ambiente camiliano que nos transportou a uma grande variedade de todas as





suas obras e a muitas das suas vivências pessoais, sentimentais e sociais. De salientar, a enorme competência de ambos os guias que, com o seu empenhamento, conseguiram fazer-nos regressar, no tempo e no espaço, quase sentindo a presença de Camilo, Ana Plácido, seus filhos e os amigos que os visitavam. E, de certeza, que nenhum de nós vai esquecer a cadeira de Camilo, a secretária onde escreveu tantos dos seus livros, ou a acácia do Jorge, a fotografia do Manuel, ou o miradouro onde Ana Plácido assomava, fumando o seu charuto.

Encantados com a nossa intervenção, no espírito de Camilo, passámos ainda pelo Centro de Estudos Camilianos, local dedicado aos estudiosos da obra camiliana e dos seus seguidores.

Na viagem de regresso, houve também bolinhos de sobremesa e chocolates com que algumas meninas quiseram presentear todos. E o nosso célebre concurso de “avaliação de conhecimentos”, ganho pela Idalete, que, aguerridamente, respondeu certo a mais questões do que qualquer outro.

E, como um passeio é sempre um dia bem passado, em confraternização, e aprendizagens múltiplas, regressámos a casa com a certeza de que havemos de voltar.

*Albertina Vaz*

## Clube de Inglês

Na passada sexta-feira, dia 15 de Fevereiro, tivemos mais uma sessão do Clube de Inglês, na qual participou um casal Canadiano, a convite da Anne Bartlett. Embora sendo novos, já tinham uma grande experiência de vida e deram-nos a conhecer parte das suas vivências. Como estavam presentes algumas pessoas que já tinham estado no Canadá, a conversa correu agradavelmente num inglês descomprometido.

Também tomámos o nosso “five o’clock tea”, que tornou o encontro ainda mais agradável.

*Anne Bartlett  
Lindonor*

## Turismo Industrial em São João da Madeira

No passado dia 26 de Outubro, a Direcção da Academia organizou uma viagem de estudo a S. João da Madeira e Paços de Brandão para visitar a fábrica de lápis “Viarco”, a fábrica de calçado “Everest” e ainda o Museu do Papel.

Estas visitas, integradas no chamado “turismo industrial”, foram acompanhadas com muito interesse pelos participantes, sobretudo na observação directa do trabalho ao vivo dos operários da fábrica de calçado “Everest”. Esta fábrica exporta calçado para vários países da Europa, com grande qualidade e *design* criativo.

Foi-nos dito que o município de S. João da Madeira é pioneiro, em Portugal, num projecto de “turismo industrial”, financiado pelo Q.R.E.N. Em 2006, foi apresentada a primeira candidatura, em 2008, foi aceite e em janeiro de 2012 foi inaugurado o Centro de Turismo Industrial de S. João da Madeira. Nas instalações da antiga fábrica da “Viarco” (em S. João da Madeira desde 1941), pudemos observar máquinas dos princípios do século XX utilizadas na produção de diversos tipos de lápis e bastões de grafite, para os mais variados fins.

Esta fábrica é a única fábrica de lápis de qualidade que mantém um valioso espólio industrial.



Equipados com batas brancas, como se fôssemos enfermeiros estagiários, percorremos quase toda a fábrica, ficando assim a conhecer as diversas fases de fabrico das “minas” e o espaço museológico. Na loja de vendas, havia toda a espécie de lápis: de grafite, de cera, de cores, de lousa e até lápis personalizados, para a publicidade.

Depois do almoço, num restaurante local, fomos visitar o Museu do Papel, em Paços de Brandão. Este museu, inaugurado em 2001, integra relíquias de antigas fábricas de produção de papel, dos séculos XVIII e XIX.

Como se sabe, foram os chineses que inventaram o papel, em 751 d.C.





Em Paços de Brandão, o primeiro moinho de papel data de 1708. Eram as mulheres que aproveitavam restos de tecidos e trapos para fazer papel. As mulheres eram as principais obreiras. No século XIX, havia na região da Feira 35 fábricas de papel, que davam emprego a muita gente.

A fábrica-museu data de 1824. Foram dadas explicações pormenorizadas sobre a origem do papel, fases do fabrico e equipamentos utilizados na produção do papel.

Todos nós viemos mais enriquecidos com estas visitas de estudo, que decorreram muito bem, apesar da chuva!

GM

## Actividades Pedestres

Este ano lectivo houve só três saídas. No inverno, o tempo incerto dificulta as caminhadas.

No outono, um pequeno grupo aproveitou um dia com sol para caminhar nos bosques e nos campos perto do rio Vouga, de Angeja até S. João de Loure, onde se almoçou. Foi bom apreciar a luz do sol nas águas do rio, foi espectacular. Ainda durante o outono, uma sócia juntou-se a mim para uma caminhada no Porto e uma visita à feira da agricultura biológica.

Depois do Natal, fomos de autocarro até à Gafanha da Encarnação e caminhamos junto à ria, conversando e convivendo. Encontrámos um pequeno restaurante para recuperar forças antes do regresso, de autocarro.

Em Fevereiro, fizemos uma visita à Casa Museu Egas Moniz, em Avanca. Sobre esta actividade, existe um relatório, bem como algumas fotografias, no *site* da Academia (clique em visitas de estudo).

Anne Bartlett

## Retrospectiva de algumas actividades

Faz-se a seguir uma breve e resumida retrospectiva de várias actividades promovidas ou dinamizadas pela direcção desta Academia.

Algumas delas não foram mencionadas atempadamente no número anterior deste jornal, que saiu em Dezembro de 2012. A maior parte das actividades a seguir referidas estão previstas no Plano de Actividades para o ano lectivo de 2012/2013.

. **26 de Outubro:** Visita de estudo a fábricas em S. João da Madeira e Paços de Brandão, relatada noutra local deste jornal.

. **9 de Novembro:**

Jantar convívio de S. Martinho, muito animado, realizado no restaurante “Papa Tudo”, em Águeda, com música ao vivo. Foi proporcionado aos participantes transporte de autocarro, de Aveiro para Águeda.

. **23 de Novembro:**

Apresentação e divulgação do livro do associado, Domingos Cardoso, “Pedras sem Tempo”.

Nesta apresentação, feita no salão cultural da Casa Municipal da Cultura, participaram os associados Carreto Lages, Aida Viegas e G. Manangão. A primeira apresentação deste livro, que nos dá a conhecer sobretudo simbologias específicas do cemitério de Ílhavo, realizou-se com pompa e circunstância no “Hotel de Ílhavo”.

. **30 de Novembro:**

Integrada num ciclo de “Conversas”, a realização de uma conferência subordinada ao tema, “O Prazer de Ler”. O orador convidado foi o Dr. Manuel Serrano, geólogo, professor universitário aposentado e poeta. Relembrou e comentou vários clássicos da literatura universal. Salientou a necessidade de cultivar hábitos de leitura.

Como é bom viver CONVIVENDO!

GM





## Ainda sobre as actividades da Academia:

### Em Dezembro

- Almoço de Natal, no Hotel Imperial, com a presença de 136 sócios e com a apresentação, no final, de um pequeno espectáculo com a participação das Danças de Salão, dos Bandolins e Guitarras, do Teatro e da Tuna que fez a sua estreia. Este mini espectáculo suscitou muitos aplausos e muitos encómios aos participantes.
- Com muita animação, a passagem de Ano, no Grande Hotel Lisboa, em S. Pedro do Sul.



### Em Janeiro

- Palestra proferida, na sede da Academia, pelo Prof. Dr. Paulo Gama da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, com o título "Do umbigo de Adão à evolução do Homem".
- Para responder a convites, o Grupo de Bandolins e Guitarras deslocou-se à Junta de Freguesia de Covões, em Cantanhede, e ao Lar da Terceira Idade de S. Bernardo. A recepção foi óptima e, por largos minutos, o grupo actuou para um público muito interessado.

### Em Fevereiro

- Festejos de Carnaval, no Grande Hotel Lisboa, em S. Pedro do Sul, em que duas sócias da nossa Academia ganharam o 1º e o 2º prémios de Fantasias.
- Visita de estudo da Área de Património a Lisboa, ao Museu Nacional de Arte Antiga e ao Museu dos Coches.
- Assistência ao espectáculo "Tango paixão", no Coliseu do Porto, organizado pela área das Danças de Salão.

## Em Março

- Visita da Área da Comunicação à Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão, e à Casa Museu Camilo Castelo Branco, em S. Miguel de Seide.
- Conferência sobre "Educação" proferida pelo Prof. Dr. Júlio Pedrosa, a convite do Clube Europa.
- Ainda em Fevereiro, numa Assembleia Geral de Sócios muito pouco concorrida, a Direcção da A.D.S.A. apresentou o seu Relatório e Contas relativas ao ano de 2012 e o Plano de Actividades e Orçamento para o ano de 2013.
- O Coro da Academia foi convidado para actuar, no dia 27 de Abril próximo, no Auditório dos Actos Solenes da Universidade da Beira Interior, na Covilhã, onde participará no VIII Encontro de Coros organizado pela Academia Sénior daquela cidade.
- Poderão acompanhar o Coro todos os sócios que o queiram fazer, sendo o programa desta viagem afixado, como é habitual, nos *placards*.
- Em 19 de Maio, pelas 15h, realizar-se-á, em local a designar oportunamente, o III Encontro de Coros organizado pela nossa Academia.
- Também, no final de Maio, está prevista a realização de uma palestra sobre "Nutrição para a Geração Grisalha".
- Finalmente, foi celebrado, e está já em vigor, um protocolo entre a A.D.S.A. e a "Fisiomanual" que permite descontos em vários serviços, desde a Fisioterapia à Podologia.

*Maria Teresa Albuquerque*

## Clube de jardinagem

Continuamos a ter à volta de quinze sócios em cada encontro, todos com muito entusiasmo para saber mais e para partilhar os seus saberes. Em Janeiro, a Maria Sarrico mostrou como devem ser podadas as roseiras e a Lurdes São Marcos falou das orquídeas e como devem ser tratadas. Muito interessante! Em Fevereiro, o tópico foi "plantas que curam plantas" e falámos de remédios feitos à base de folhas e flores.

Num próximo encontro, temos de falar mais sobre os efeitos bons e maus que as plantas podem ter umas sobre as outras.

Se alguém quiser fazer alguma comunicação sobre jardinagem, indicar lugares para visitar ou dar outras sugestões, por favor, contactem-nos.

O próximo encontro será no dia 19 de Abril às 15h.

*Anne Bartlett, Maria Vieira e Manuela Cadete*





## Entrevista

Nascido em terras raianas, em Rapoula, concelho de Sabugal, Carreto Lages (C.L.) é um dos primeiros sócios da Academia de Saberes. Licenciado em Direito, ainda exerce esta actividade; mas, “cidadão do mundo” fixou-se, nesta etapa da vida, na cidade de Aveiro. Com as suas capacidades de adaptação e de trabalho, bem como com o seu interesse contínuo em se valorizar, nos tempos livres, exerce as funções de Presidente da Assembleia Geral, de professor e de formando, nesta Academia de Saberes (A.S.).



**A.S. – Que alterações sentiu na sua vida desde que frequenta esta Academia de Saberes?**

**C.L.** - Sempre entendi o Homem como um cidadão do mundo. A minha participação na vida da Academia de Saberes permitiu-me, e permite-me ainda a participação como cidadão na vida de outros concidadãos, partilhando opiniões e saberes, o que necessariamente determina um enriquecimento cultural e humano recíprocos. Acresce que sempre considerei que a aposentação não pode significar inactividade. Haverá na aposentação uma maior diversificação da actividade no exercício pleno da cidadania, o que não é nada despiciendo.

**A.S. – Sabemos que assume diferentes papéis nesta instituição. Refira-se ao que sente no desempenho dessas funções, tendo em linha de conta a sua formação em Direito.**

**C.L.** - Como associado da Academia de Saberes, julgo que tenho o dever de, na medida das minhas

capacidades e do que me for possível, participar activamente na sua vida, quer no contacto com os órgãos sociais, nomeadamente com os elementos da Direcção, no convívio com todos e quaisquer dos associados, quer na assunção de presidente da mesa da Assembleia Geral, função que não é mais do que coordenar os trabalhos da Assembleia Geral para que funcione segundo os estatutos, o regulamento interno e a lei geral, de modo a obter resultados práticos positivos no âmbito de uma democraticidade efectiva. A minha formação em Direito e experiência pessoal nessa área são fortes ajudas e contribuem para o bom exercício da função do que resultará uma boa imagem do funcionamento da Assembleia Geral da Academia de Saberes. O papel de formador “pro bono” da matéria de aplicação do Direito positivo português na vida actual dá-me algum trabalho e prazer. Obriga-me a reciclar e a actualizar-me nas matérias de direito substantivo e adjectivo e a ajuizar da sua aplicação a casos concretos actuais da vida de todos os cidadãos, através de decisões (sentenças) das diversas instâncias judiciais.

**A.S. - Quanto a esses desempenhos, qual deles é o que mais o apaixona?**

**C.L.** - Naturalmente que o papel de formador de Direito é o mais apaixonante para mim a par do convívio com os associados. A grande diversidade de associados, de diferentes extractos profissionais, é um contributo positivo na vivência da Academia de Saberes.

**A.S. – Refira os pontos fortes e fracos da Academia de Saberes.**

**C.L.** - A Academia de Saberes de Aveiro brotou de um impulso dinamizador que teve grande receptividade na sociedade dos reformados de Aveiro e concelhos limítrofes ao ponto de os originários associados, que não chegavam a uma centena, serem hoje cerca de quinhentos. Isso envolve problemas de gestão, nomeadamente logísticos, que têm sido ultrapassados pela acção dinâmica das diversas direcções e pela colaboração da Câmara Municipal e de outras colectividades. Numa pessoa colectiva do género da Academia de Saberes, que começou praticamente do nada, exigiu-se um grande esforço de implantação que nunca será demais realçar. Algumas situações, menos bem conseguidas, mas sem gravidade, devem-se à falta de meios e também, por vezes, a pequenos choques de graus de cultura e de diferentes personalidades.





**A.S. – Indique algumas sugestões que lhe pareçam ser essenciais, na orgânica da Academia.**

**C.L.** – De um modo geral, o funcionamento tem sido adequado aos meios disponíveis. Porém, creio que, se houvesse alguma delegação de tarefas para comissões a constituir por um mínimo de três pessoas, em determinadas actividades, podiam-se motivar muitos associados a serem úteis à Academia de Saberes e contribuiria para aliviar os trabalhos da Direcção.

Conviria manter uma ligação de proximidade com a Câmara Municipal a quem se deveria dar conhecimento do Plano Anual das Actividades de molde a acautelar as melhores relações institucionais, presentes e futuras. Seria bom obter, se possível, um espaço, uma sala, onde pudesse funcionar um local de convívio dos associados.

**A.S. – Dê a sua opinião sobre a realidade desta instituição, na cidade de Aveiro.**

**C.L.** – A Academia de Saberes de Aveiro tem reconhecidamente, e é já facto notório, um papel estruturante na vida dos reformados do concelho de Aveiro e concelhos limítrofes, mantendo-os activos e participativos na comunidade regional, retirando-os de um isolamento pernicioso, motivando-os para a aquisição e partilha de saberes e para um saudável convívio.

**A.S. - É um colaborador assíduo no nosso jornal, *Ecos da Academia de Saberes*. Refira-se às motivações dessa sua participação.**

**C.L.** – A ocasional participação no jornal “*Ecos da Academia de Saberes*” tem a ver com a minha mania de escrevinhador de alguns nacos de prosa e de pretensos poemas, o que tudo resulta de alguma observação pessoal ou de emoções e sentimentos de um cidadão que, por vezes, escreve como uma válvula de escape de alguma combustão psicológica.

**A.S. – Finalmente, pedimos-lhe uma mensagem que queira transmitir a todos os academistas.**

**C.L.** – A todos os associados da Academia eu lançaria o apelo: participem o mais que lhes for possível na vida da nossa Associação. Saiam da concha pessoal e participem na vida da Academia de Saberes, mas não apenas nas actividades formativas em que estão inscritos. Mexam-se pela vossa saúde.

## **A Comunicação na Sociedade actual /A importância de saber comunicar**

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

### **Comunicar**

Comunicar se pode  
De maneira diferente:  
Atirar a palavra  
Qual seta sibilina  
Que fere e faz doer;  
Atirá-la enfeitada,  
Garrida e atraente,  
Parecendo dizer muito  
Mas sem nada dizer;  
Atirar a palavra,  
Aquele que critica mas constrói  
Em vez de desfazer;  
A palavra que ajuda e suaviza  
Quando alguém está a sofrer;  
A palavra de amigo, verdadeira  
Que faz retroceder  
Quando se está descendo uma ladeira  
Que vai ter ao abismo;  
A palavra que ensina  
E o nosso mundo vai enriquecer...  
Porém existe ainda uma palavra  
Que tenta desvendar o que se esconde  
No oculto das coisas  
E atrás do pensamento;  
Que foge à realidade  
E sai pulverizada  
Em sonho e em magia...  
E quando isso acontece,  
No preciso momento,  
A Palavra é Poesia!..

*Maria Celeste*

### **Consumir certa informação pode ser pernicioso**

“Há uma interação constante entre aquilo que são as ideias frias, racionais, e o aparelho das emoções. E uma vez que a educação das emoções seja feita, as emoções são extremamente benéficas, é o que, no fundo, constitui o motor da nossa vida. A educação das emoções não é impossível mas é difícil. Veja-se o que se passa com o mundo de hoje. Faz mal ler os jornais e ainda mais olhar os telejornais, que é coisa que não faço”.





Este é um excerto de uma longa entrevista, com sublinhado meu, ao professor António Damásio publicada no JL, jornal de letras, artes e ideias de Outubro de 2011.

Um sentimento generalizado de que o excessivo sensacionalismo de grande parte da informação fornecida por muitos dos chamados órgãos de informação, mormente por grandes jornais e televisões de âmbito nacional, não é salutar, é afinal confirmado por uma das maiores autoridades mundiais no estudo das emoções.

Penso, todavia, que seja perfeitamente aceitável que, na comunicação, haja também uma componente emotiva. Mas levá-la a extremos que prejudiquem o domínio das emoções (cada vez mais necessário nos dias de hoje), muitas vezes só para vender mais, é um mau serviço prestado à comunidade.

Por outro lado, a maior parte da informação, veiculada daquela maneira nefasta, nem sequer conduz ao conhecimento.

*Darlindo*

## **A arte de comunicar**

Uma sábia e famosa lenda árabe conta que, certa feita, um sultão sonhou que tinha perdido todos os dentes. Logo que despertou, pediu que chamassem um feiticeiro, para que interpretasse o seu sonho.

- Que desgraça, Senhor - disse o feiticeiro. Cada dente caído representa a perda de um parente de Vossa Majestade.

- Seu insolente - gritou o sultão, enfurecido. Como te atreves a dizer-me semelhante coisa? Fora daqui imediatamente!

Chamou os guardas e ordenou que lhe dessem cem chicotadas e, em seguida, mandou que trouxessem outro feiticeiro e relatou-lhe o seu sonho. Este, após ouvir o sultão com atenção, disse-lhe:

- Oh, Excelência, mas que grande felicidade vos está reservada! O sonho significa que ireis sobreviver a todos os vossos parentes.

A fisionomia do sultão iluminou-se num sorriso, e logo mandou que lhe dessem cem moedas de ouro. Quando saíu do palácio, um dos cortesãos comentou admirado:

- Não é possível! A interpretação que fizeste foi exactamente a mesma que o teu colega tinha feito. Não entendo por que ao primeiro o sultão pagou com cem chicotadas e a ti com cem moedas de ouro.

- Lembra-te, meu amigo - respondeu o feiticeiro - que tudo depende da maneira de dizer as coisas. Um dos grandes desafios da humanidade é aprender a arte de comunicar. Da comunicação depende, muitas vezes, a felicidade ou a desgraça, a paz ou a guerra. Não resta dúvida de que a verdade deve ser

dita e não omitida, mas a forma como ela é comunicada é que tem provocado, em alguns casos, graves problemas.

A verdade pode ser comparada a uma pedra preciosa. Se a lançarmos no rosto de alguém pode ferir, provocando dor e revolta. Mas, se a envolvemos em delicado embrulho e a oferecermos com ternura, certamente será facilmente aceite. O embrulho, nesse caso, é a indulgência, o carinho, a compreensão e, acima de tudo, a vontade sincera de ajudar a pessoa a quem nos dirigimos.

No entanto, diz o bom senso que, quando pretendemos dizer uma verdade a alguém, que vá ficar ofendido, a devemos dizer em primeiro lugar a nós próprios diante do espelho. De acordo com a nossa reação, podemos seguir em frente ou deixar de lado o nosso intento.

Importante mesmo é saber comunicar, tendo em conta a forma como se fala, pelo que podemos concluir que a comunicação, além de ser uma necessidade, é uma verdadeira arte.

*Elizabete*

## **A importância de saber comunicar**

Comunicar é ciência  
Que ordena empenho imenso  
E, p'ra sua eficiência,  
Dose certa de bom senso!

Comunicar é uma Arte  
Que importa cultivar  
Para expô-la em qualquer parte  
Sem que deixe de brilhar!

Ser bom comunicador  
É fazer a travessia  
Com o interlocutor  
P'las vias da sintonia!

Uma clara linguagem,  
Atractiva, cativante,  
Portadora é de mensagem  
Certamente fascinante!

Palavras, gestos e actos  
Habitam em nossa existência,  
Espelhando em retratos  
O que nos vai na essência!

Para bem comunicar  
Estudo Comunicação,  
Terei muito a trabalhar  
Para aprender a lição!!!

*Sílvia Paradela*







## A comunicação e a sua influência na evolução da Sociedade Humana

Aceito a tese Darwinista que sustenta que o ser humano é um elemento resultante da evolução biológica das espécies, o que conduz à conclusão de que o ser humano é ainda um ser inacabado e que, da sua constante evolução, resultará, longinquamente, um ser pensante mais perfeito que o actual, mais ajustado e mais bem qualificado para os muitos milénios do futuro.

Desde tempos remotos da pré-história, o “homo sapiens” habituou-se a adequar os actos da sua conduta à sua existência, de molde a criar mais-valias para o seu *habitat* e para a sua própria subsistência.

Mas, certamente, esse estado de consciência não surgiu inopinadamente, com as potencialidades de reflexão do ser humano actual, como característica ou capacidade de uma só geração.

Foi, necessariamente, um processo arrastadamente lento que evoluiu irreversivelmente em constantes adaptações ao longo de muitos e muitos séculos.

Desde sempre, o “homo sapiens”, para não ir mais longe, utilizou a arma da comunicação não apenas como método de conviver com o seu semelhante mas, também, para se defender do meio ambiente e dos seus predadores.

Até à alvorada da utilização, repetidamente articulada, dos sons e ruídos como meio de emissão de mensagens, deve ter existido uma onomatopaica linguagem comum à comunidade tribal, com aceitação e significação geral, expressões, algumas delas ainda hoje utilizadas, tais como: ai! (dor ou grito de emoção); atchim (espirro); cri cri cri (grilar de grilo); có có ró có (cantar do galo); mééé (balido de ovelha); miau (gato); pi piii (buzina); chiu (silêncio); tic-tac (relógio); etc.

O próprio corpo, designadamente o rosto e os membros, terá sido utilizado com diversificada significação, e de que ainda hoje existem retumbantes exemplos nas diversas culturas das comunidades planetárias. Um assobio, um piscar de olhos, um encolher de ombros, uma vénia, um estalido, o próprio choro, o franzir da testa, são meios de comunicação utilizados nos tempos de hoje com diversas significações.

Já num estado mais desenvolvido das civilizações, utilizou-se a escrita hieroglífica e semiótica até ao advento da escrita com os caracteres actuais segundo as convenções das diversas culturas existentes. Aliás, rudimentos da cultura semiótica ainda são hoje aplicados sobretudo como meio de

transmitir informação sintetizada, designadamente nas regras de trânsito e em variados tipos de informação comercial.

A comunicação foi, é e será sempre uma poderosa arma de que desfruta o ser humano para a sua conservação biológica, para a sua convivência social, para a criação do seu bem estar, para o processo evolutivo e enriquecedor dos múltiplos e complexos conhecimentos no domínio da filosofia, da ciência e da técnica.

A comunicação é, essencialmente, uma partilha do conhecimento e, por isso, um meio de dar a conhecer alguma coisa a outrem.

Pode ser apenas dar a conhecer uma emoção, (um sorriso, uma lágrima) um sentimento (um piscar de olhos, um enrugar da testa, um torcer do nariz) como pode ser algo confirmativo ou criativo tanto positivo como negativo.

Se a comunicação efectua a transmissão de mensagem correspondente à verdade do real, a comunicação visa também acrescentar o conhecimento e, portanto, contribui para a evolução criativa do destinatário.

Se a comunicação manipula a realidade, distorce e atropela a verdade, induz o destinatário em erro como acontece na chamada técnica psicologicamente subversiva da “contra-informação”.

Sendo a comunicação uma partilha do conhecimento, nem sempre dela se faz uma utilização em conformidade com as regras estabelecidas pelos povos. Pensamos na utilização da espionagem para fraudulentamente captar segredos científicos, de carácter técnico industrial ou sobre meios belicistas.

A comunicação utiliza variadíssimos meios. Os mais comuns são a palavra oral ou escrita e a imagem, que, por sua vez, pode servir-se de vários processos comunicativos menos ou mais sofisticados segundo a técnica aplicada.

Se nos detivermos por um momento a pensar nos meios actualmente utilizados na comunicação, verificamos que, a todo o momento, através da palavra, da escrita, da imagem, do som, do gesto, a comunicação faz parte do quotidiano comum.

Foi através dos meios de comunicação, disponíveis nos dias de hoje, e da celeridade da transmissão da mensagem, que se adoptou o conceito da globalização para referir a facilidade com que actualmente se sabe e visualiza em todo o mundo o que acontece em qualquer dos seus pontos.

Os meios de comunicação tornaram-se uma poderosa forma e fonte de quem tem o poder. Não há sociedade cujo governo não queira controlar ou, pelo menos, cair nas boas graças dos meios de comunicação.





Tal asserção conduz a pensar em como se fará a comunicação entre os homens no futuro.

E perguntamos: Não será possível, num futuro muito próximo, introduzir uma espécie de “chip” no ser humano de modo a, pelo menos, colher e guardar toda a informação colhida para a utilizar quando necessário, reforçando assim, com grande vantagem, o poder da memória?

Acreditamos que sim.

Concebendo a Terra como uma nau, diríamos que a comunicação é, e será, o leme e a bússola a estabelecer as rotas e as regras do futuro para o ser humano.

*Carreto Lages*

## Comunicar

Num mundo onde domina o terrorismo,  
A dor, o desespero a toda a hora,  
Onde se vive intenso dramatismo  
E onde o desespero existe e mora;

Num mundo onde por mero comodismo  
As janelas se fecham dentro e fora  
E se olha com temor e pessimismo  
O tempo do futuro e o de agora;

É preciso partir para a aventura,  
Alcandorar grinaldas de verdura,  
Colinas e montanhas escalar!

É preciso mudar a nossa vida,  
Renovar a esperança que é perdida,  
Saber dar-se em amor, **Comunicar!**...

*Maria Celeste*

## O Poder da Comunicação

Sabedoria

E positivos sentimentos,  
Deverão ser uma constante  
Em todos os momentos.  
É a mais pura “Essência”  
Em plena sintonia!  
E, naturalmente,  
Qualquer comunicação  
Será sempre compensadora,  
Proporcionando compreensão,  
Tolerância, cumplicidade,  
Evolução, solidariedade,  
Amor ... “Verdade”!

*Conceição Neiva*

## Escrita Criativa

### Mulher

Ama sem limites

Tem como bandeira a tolerância

Tem capacidade de alerta permanente

Está pronta para uma total entrega

Espera incondicionalmente

Acredita cegamente na mudança

Crê firmemente no amanhã

Procura o sentido da justiça

Dá sempre o benefício da dúvida

Busca a ilusão onde ela se perdeu

Sofre calada para lá do que é racional

Sufoca a raiva até à exaustão

Mas tem na alma o grito da liberdade.

*Aida Viegas*

## Sou um homem comum

Sou um homem comum: tenho cerca de um metro e setenta, não sou gordo nem sou magro, tenho olhos castanhos, cabelo curto, visto calças de ganga aos fins-de-semana e, quando posso, gosto de passear à beira-mar ou de ficar sentado numa esplanada, olhando o horizonte sem pensar em nada. Gosto de crianças que riem, de pássaros a voar, de gaivotas que circulam, do nascer do sol, duma manhã de chuva miudinha e de barcos que cortam as ondas e rasgam o mar. Gosto duma música dolente, de um toque de guitarra, de um som de piano, de um livro de muitas páginas, de uma página em branco e de uma foto de reflexos.

E, num momento, sem saber como nem porquê, senti-me ainda mais vulgar: estou desempregado!

Primeiro, foi não acreditar no que estava a ouvir: entra, entra. Vamos ao assunto sem mais delongas: tu sabes que isto está mau, que já não se vende como antigamente, que temos que racionalizar os custos, e tu também já não és novo... Não, não, tu és um excelente profissional, tens um imenso talento... Mas é assim: passa pelos recursos humanos e tenho a certeza de que, em breve, conseguirás até uma melhor situação.

Assim, de um momento para o outro, como quem bebe um copo de água ou se refresca com a brisa do mar, numa noite de luar.

Depois, o espanto: já não sou novo? Então, com quarenta anos sou velho? E, por ser velho, já não sei trabalhar, já perdi capacidades? Pensava que, à medida que vivemos, adquirimos maior maturidade, que somos capazes de desenvolver maior volume de trabalho e com mais qualidade... Mas parece que





estava enganado: já não sou novo e estou desempregado!

Nos primeiros dias, enchi-me de esperança: vai servir-me para pôr as ideias em dia, para me refazer das férias que não tive porque o dinheiro já não dá para tudo, para ler os livros que amontoei, para montar um bom projecto, para voltar a pensar naquela ideia inovadora que tranquei na gaveta dos sonhos, para voltar a sorrir... Há quanto tempo não sei o que é esquecer-me de mim num abraço sem tempo!

Os dias foram passando: as portas não se abriram, os projectos não tinham viabilidade, o dinheiro ia escasseando, as dívidas aumentando, a angústia tomava conta dos meus dias, as crianças olhavam-me com olhos enormes e a minha companheira chegou um dia a casa sem conseguir falar. Compreendi imediatamente o que se passava: ela estava também desempregada!

E agora? Que vamos fazer? De que vamos viver? Como vamos arranjar comida para dar às crianças? E como vamos comprar os livros para a escola? E se um deles adoecer?

O sono foi-se: ficámos em silêncio, abraçados um ao outro, sem palavras, agarrados às nossas frustrações e sem sabermos como sair delas. Desesperados no nosso vazio sem o conseguirmos encher, alucinados no nosso pavor dum amanhã pleno de escuridão.

Depois dei conta de que havia mais movimento na minha casa e na casa dos vizinhos e na casa dos do outro lado da rua, e na casa dos da outra rua. Era dia e as pessoas não saíam para ir trabalhar. Que bando de malandros, a viverem à custa dos outros. Dos outros? Mas de quem, se todos estamos desempregados? Todos, ou quase todos. Bem, esquecia-me dos políticos. Esses estão cada vez mais empregados: são os ministros, os filhos dos ministros, os secretários de estado, os assessores, os amigos dos amigos de suas excelências...

E, depois, restam-nos os velhos que dividem a magra reforma que recebem, depois de uma vida inteira de trabalho e descontos, connosco: filhos e netos desempregados!

E quando eles se forem? Vêm acusar-me de que eu é que tenho a culpa da dívida? Eu, que sou um homem vulgar, que tinha um trabalho vulgar, uma família vulgar, com filhos que também comem e também vão à escola. Sou velho demais para trabalhar! Sem mais!

Esta revolta emergente vai deixar marcas em cada um de nós: já não temos sorrisos para sorrir, já nem sabemos como se solta uma gargalhada. Andamos pé ante pé, deprimidos, com medo que dêem pela nossa presença e nos arrastem para fora de nada. Há dias ouvi um jovem, que partia numa viagem sem

regresso, pedir para não tributarem a saudade nem as lágrimas, porque era só o que levava do seu país. Já não tenho respostas, penso até que já nem tenho perguntas. Soam-me a oco, a falso, a descrença, a hipocrisia, a simulação ... Já não há cor para a esperança, porque as cores fugiram também, já não há cheiros para os amores porque os cheiros desapareceram, já não há sabores para a vida, porque até o sabor nos querem tirar. Sou um homem comum sem qualquer hipótese de fuga: sou, um desempregado!

*Albertina Vaz*

## Os Academiadas Canto Primeiro

### I

As avós e os avôs desta cidade  
E, também, de outras terras circundantes,  
Que resolveram, apesar da idade,  
Regressar para os bancos de estudantes,  
E os professores, que, com paciência,  
Vão transmitindo a todos mais ciência,  
Merecem, nestes *Ecos*, ser cantados,  
Por mim e outros vates mais dotados.

### II

Eu cá só vou falar do castelhano,  
Também denominado espanhol,  
Que frequentei para passar um ano  
E para melhorar meu “portuñol”.  
É madrileña a nossa Professora,  
Mas, agora, reside em Portugal,  
E não quer ser tratada por “sotôra”,  
Só *Luisa*, seu nome baptismal.

### III

Começámos pelo abecedário,  
Em fotocópias, demos a gramática,  
E adquirimos o vocabulário,  
Por temas e de forma pragmática.  
Tivemos aulas de conversação,  
Baseada em artigos de jornal,  
Ditados houve, com pouca adesão,  
Gerou-se, às vezes, discussão geral.

### IV

E para esta epopeia terminar,  
Em estilo grandiloquo e corrente,  
A Professora resolveu-se a dar  
A nota vinte para toda gente,  
Pois todos nós falamos espanhol,  
O domínio da língua é total,  
Podendo recorrer-se ao “portuñol”,  
Falhando a linguagem gestual!

*Diamantino Dias*





## Mulher

Ouvi teu grito  
e chorei!  
Com o teu lamento  
Estremeci!  
mas cantei  
quando tu cantaste  
e com o teu sorriso  
adormeci!...

Tuas mãos afáveis e meigas  
são doces como o luar!  
Macias como o veludo  
e a fragrância do mar!...

No silêncio da Natureza  
abriu-se um botão em flor!  
Também tu, mulher,  
dás vida ao mundo  
com tanta beleza e amor!...

Mulher  
Cheia de afecto e doçura  
Teu querer é infinito!  
Ultrapassa mares e montanhas  
Em busca d'um grito aflito!...

*Isabel Maria*

## Num comboio regional, à hora de ponta

O sujeito tinha um corpo anguloso, sem ordenamento territorial. Tudo à balda, das feições ao trajar. Como único adereço, um embrulho de suspeitáveis contornos. Parou um momento junto da porta, topografando o interior da carruagem, e só depois tomou de assalto o lugar mesmo à minha frente. Remexi-me no banco num desassossego de maus agouros. Inquietava-me aquela *coisa* embrulhada em papel de jornal que o fulano empunhava com aprumo militar. Um facalhão de magarefe? Uma catana? Fosse o que fosse bulia com os arquivos da minha memória, obrigando-me a rever lúgubres imagens televisivas: ataques à mão armada... bombistas embuçados... reféns... explosões. Céus! E se...

Pus-me a fantasiar um assalto em versão *soft*, uma espécie de desenrascanço à portuguesa: comboio regional quase lotado... homem sem emprego a chafurdar na crise... arma branca... Estava a minha

efabulação prestes a atingir o seu clímax dramático, quando no enredo se veio enredar um segundo suspeito, um tipo grandalhão, com excedentes adiposos e voz de parada militar. No banco da frente, viajavam agora, traseiro a traseiro, dois alegados terroristas. Arrepiei-me toda.

Que podia eu fazer? Mentalmente, tentei rascunhar uma estratégia de defesa: olho atento, ouvido à escuta. Não que a conversa a decorrer fosse minimamente reveladora. Um circuito fechado de fruta, pomares e podas. Tratar-se-ia de algum código secreto? O arpeio voltou. Então, com dedos de prestidigitador e vagares de criar suspense, o sujeito desalinhado retirou o cordel que atava o embrulho, abriu as folhas de jornal como quem abre um relicário e, erguendo à altura do coração um singelo galho de árvore, disse: “Bravo Esmolfe. Finalmente, consegui um enxerto.” Eu boquiaberta. Imaginem, um facalhão a virar garfo!! Bravo de Esmolfe! Mas as maçãs sempre gostaram de protagonismo nas histórias: a maçã proibida de Eva, a maçã envenenada de Branca de Neve, a maçã-alvo de Guilherme Tell e, claro, a lendária maçã de Newton.

Relaxei. Um espreguiçar interior, um abandonar-me ao embalo do comboio. Dentro da carruagem a mesmice do costume: conversas ao telemóvel, lamúrias (doenças, desavenças, apuros financeiros, golos falhados). Aqui e ali uma gargalhada, aqui e ali uma irreverência juvenil. Os dois sujeitos sempre em mansa cavaqueira. Descartado o assunto do enxerto, eles falavam agora de problemas laborais: os colegas, os chefes, os turnos. Foi então que, de repente, eu entendi tudo. Sem farda, sem armas, à minha frente viajavam (imaginem!) dois agentes policiais.

Ah, se eles soubessem! E vi-me algemada, a caminho da esquadra. À minha direita, o gordalhaço, à minha esquerda, o mal-encarado. Ou vice-versa.

*Helena*

## Insatisfação

Ana Maria é uma mulher de meia-idade e com um brilho muito especial no olhar... um brilho que vem de dentro...

Está sozinha na sala, a descansar de um dia de trabalho e, ao mesmo tempo, pensa no que tem sido a sua vida. Não que tenha sido uma boa vida, mas uma vida boa, sim! Não se pode queixar...

No entanto, sente que alguma coisa lhe falta...

Tem um casamento que considera feliz; dois filhos excepcionais, bem orientados na vida; uma





## Mulher

profissão que a realiza profissionalmente, mas... sente-se insatisfeita!

Parece existir, na sua vida, uma lacuna que nunca foi preenchida, talvez... algum sentimento não transmitido... um acto não praticado... alguém perdido no tempo... não sabe!

Lembra-se, mesmo, de sentir esta sensação, desde muito criança! Era como se tivesse necessidade de alguma coisa que lhe fazia falta para ser feliz... e como se sentia triste chorava, chorava muito!

É, ao pensar nesta fase da sua vida, que lhe surge a necessidade de questionar a causa da tristeza que, ainda, em determinados momentos, a “atormenta”. Será que, conforme alguns conceitos, a origem poderá estar muito lá atrás? Mesmo antes do nascimento? Noutra, ou noutras vidas?

Sendo assim lembranças de momentos passados poderão surgir, mais frequentemente, nos primeiros anos da nova vida, embora de forma confusa? Talvez a necessidade de concluir algo importante para a sua evolução e que, na altura, não foi possível concretizar, ou sentir que o Amor não foi verdadeiramente vivido e, portanto, terá de ser revivido de forma plena em todas as suas variantes? São questões que a perturbam e a obrigam a reflectir sobre a sua vida, na sua mais pura essência, e tentar perceber até que ponto poderá modificá-la para que seja edificante, evolutiva, sentindo-se, dessa forma, mais completa. Compreende, assim, o quão difícil é saber quando se está no caminho certo!

Por isso, pensa na responsabilidade de cada pensamento, sentimento, palavra, acção, e nas suas inevitáveis consequências positivas, ou... negativas! É a lei “causa efeito” que pode ser sentida, não só na vida actual, mas, ainda, arrastar-se por várias vidas... até se apreender as lições espirituais essenciais e necessárias à respectiva evolução!

Todo este processo intencional de “evolução espiritual” é, também, conhecido por “Karma”.

Perante estes pensamentos, sente que o caminho que conduz a essa evolução é, sem dúvida, aquele onde prevaleça a superior importância do “Amor” nas suas mais diversas manifestações.

Uma delas, o imprescindível “Amor Incondicional”, com a sua “magia”, é perseverante, compreensivo, tolerante, compassivo, abnegado, místico e, por isso mesmo, transformador, impulsionador...

Será o “Amor” a chave do mistério da Vida... ou Vidas? Ou será ele o próprio mistério?!

*Conceição Neiva*

Assim como  
um leve tiquetaque de sonho  
misteriosamente

assim como  
chão de raízes  
boca de fonte  
generosamente

assim como  
pulso da terra  
labor de marés  
incansavelmente

**MULHER**

tu és!

*Helena*

## As Nossas Leituras

### Recordando Aquilino Ribeiro

“Danado aquele Malhadinhas de Barrelas, homem sobre o meanho, reles de figura, voz tão untuosa e tal ar de sisudez que nem o próprio Demo o julgaria capaz de, por uma nonada, crivar à naifa o abdómen dum cristão.”

“Quando comecei a pôr vulto no mundo, meus fidalgos, era a porca da vida outra droga. Todas as semanas contavam dias de guarda, armava-se o saricoté nos terreiros. Não andaria Nosso Senhor de terra em terra — eu cá nunca me avistei com ele — mas a verdade é que a neve vinha com os Santos e as cerejas quando largam do ovo os perdigotos. Bebia-se o briol por canadões de pau até que bonda. Um homem mesmo com os dias cheios tinha pena de morrer - ”excertos extraídos da Nota Preliminar e Primeira Parte de “O Malhadinhas”, de Aquilino Ribeiro.

E era com um sorriso nos lábios misturado com alguma estranheza devido a um vocabulário menos comum que obrigava a uma consulta ao dicionário, que o leitor seguia as aventuras vividas entre “Aveiro vai, Aveiro vem, no ofício de almoceve...” do Malhadinhas e da sua Brízida, talvez as personagens mais conhecidas do escritor.





Aquilino morreu há cinquenta anos, com um percurso de vida pleno de actividade literária, de mãos dadas com os ideais republicanos que o obrigaram a exilar-se várias vezes para Paris. Seria difícil e cansativo para o leitor descrever toda a sua biografia, mas não o fazendo, criava-se um hiato do qual Aquilino Ribeiro não seria merecedor.

Assim, foi seminarista contrariado, devido ao desejo de sua mãe de o fazer sacerdote; em Lisboa, colaborou no jornal republicano “A Vanguarda”; foi membro do Grande Oriente Lusitano; preso devido à explosão de dinamite, que guardava no quarto, conseguiu fugir mais tarde para Paris onde frequentou a Sorbonne; regressou a Portugal com a implantação da República; de volta “à cidade luz”, aí conheceu Grete Tiedemann com quem entretanto casou; de novo na sua pátria, foi professor no Liceu Camões, conservador da Biblioteca Nacional e parte da direcção da “Seara Nova”. Ao entrar na revolta republicana de mil novecentos e vinte e sete, exilou-se novamente na capital francesa, o mesmo acontecendo um ano depois em Pinhel. Entretanto ficou viúvo.

Em mil novecentos e vinte e nove, casou-se novamente com Jerónima Dantas Machado, filha de Bernardino Machado, por duas vezes presidente da República. Em Lisboa, foi julgado e condenado à revelia, indo viver para a Galiza.

Em mil novecentos e trinta e dois, voltou clandestinamente a Portugal e a partir desta data foi amnistiado, começando a usufruir de uma vida mais estável. Recebeu alguns prémios, foi admitido como sócio da Academia de Ciências de Lisboa e, mais tarde, seu sócio efectivo. Deslocou-se ao Brasil onde foi homenageado na Academia Brasileira de Letras, fundou e foi presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores e, em mil novecentos e cinquenta e oito, apresentou-se como militante da candidatura de Humberto Delgado. Dois anos mais tarde, foi proposto para o Prémio Nobel da Literatura.

Foi homenageado em diversas cidades do país e morreu a vinte e sete de Maio de mil novecentos e sessenta e três, quase à mesma hora em que a censura de Salazar proibia a comunicação social de falar dos acontecimentos ocorridos.

Mas, se a vida do escritor foi agitada devido aos seus ideais republicanos, a obra pautou-se pela ficção narrativa com contos, romances, novelas, estudos históricos, etnográficos e também traduções. Para citar as obras mais conhecidas, escreveu “Quando ao Gavião Cai a Pena”, “Terras do Demo”, “Quando os Lobos Uivam”, “A Casa Grande de Romarigães”, “Jardim das Tormentas”,

“Estrada de Santiago” onde se inclui “O Malhadinhas”, “O Romance da Raposa”, “Andam Faunos pelos Bosques”, etc.

Natural de Sernancelhe, na Beira, a sua prosa está repleta de regionalismos que facilmente transportam o leitor para as paisagens e personagens da região, ouvindo-as no seu falar típico mesmo dialectal pelo que, às vezes, convém ter um bom dicionário por perto.

Aquilino Ribeiro cria as suas personagens de acordo com a natureza pagã da sua Beira onde, na realidade, elas “vivem demais a vida vegetativa e sensitiva; nascem, integram-se no meio natural que as cerca, lutam pela subsistência, ora com força bruta, ora com esperteza ladina, destroem todos os entraves ao amor carnal e procuram-se com instintos de macho que ataca a fêmea que se submete para se reproduzirem, comem e bebem, trabalham, morrem. Que fica deles? Quase nada: um pouco de brutalidade a perpetuar-se nos descendentes.”

Aquilino Ribeiro aprecia a Natureza, colocando-a constantemente face a face com os homens; como Miguel Torga, entusiasma-se com o mundo animal, assim como com os aspectos sensitivos das coisas. Recordando a vida repleta de ideais republicanos que se entrelaçam com os valores tradicionais e rústicos da Beira, aproveitemos a efeméride do seu desaparecimento, lendo ou relendo o criador da personagem Malhadinhas.

*Licínio Amador*

## Homens Versus Mulheres

Após a leitura do livro com o humorístico título, “Porque é que os homens nunca ouvem nada e as mulheres não sabem ler os mapas de estradas”, ocorreu-me elaborar um pequeno esquema sintetizando algumas ideias sobre o funcionamento e comportamento do homem e da mulher, postos em paralelo, em situações reais do quotidiano.

Apesar do tom leve, irónico e bem humorado, o conteúdo do livro merece uma reflexão, que desejo partilhar, e que até pode ajudar a aceitar de bom grado, as diferenças comportamentais nos casais.

Os autores deste livro são o casal Allan Pease e Barbara Pease. Ele é psicólogo e ela é investigadora e conferencista.

Principais métodos de pesquisa utilizados pelos referidos autores: aplicação de numerosos inquéritos em diversos países; pesquisas laboratoriais e médicas; confrontos de dados e cálculos estatísticos; análise comparativa





sistemática; observação empírica e científica, durante vários anos.

No breve quadro que se segue, referem-se apenas alguns dos traços distintivos encontrados, em paralelo, no homem e na mulher.

HOMEM	MULHER
Caçador de alimentos	Guardiã do ninho (cuidadora da prole)
Visão em túnel (incisiva, mais longe)	Visão periférica (mais ampla, como um radar)
Fadiga ocular mais acentuada	Vê melhor os pormenores no escuro do que o homem
	(campo visual mais curto e mais largo)
	Capacidade sensorial superior
	Melhor capacidade auditiva
	Forte intuição
	Capacidade de ler entrelinhas (compreender o que os outros dizem por meias palavras)
Capacidade de identificar a origem e o tipo de sons	Sensibilidade mais apurada para distinguir as alterações de som
A visão é mais eficaz do que a audição	
Não se apercebe dos pequenos pormenores	Detecta rapidamente os pormenores
	Pele mais fina, por isso, mais sensível ao toque
Acusado, de “mais insensível”	Sentidos do gosto e do olfacto mais apurados
Maior instinto de defesa	Taxa mais elevada de inteligência (3%)
Só pode fazer uma coisa de cada vez (utiliza um hemisfério cerebral)	Capaz de multitarefas (utiliza os dois hemisférios ao mesmo tempo)
Centro de linguagem num só hemisfério	Mais faladoras (regiões de linguagem em ambos os hemisférios cerebrais)
	Maior capacidade para aprender línguas
Cérebro mais compartimentado, capaz de separar e armazenar melhor a informação	

Fala consigo mesmo, porque tem fraca capacidade verbal	Pensa e fala em voz alta
Só consegue falar ou ouvir	Capaz de falar e ouvir ao mesmo tempo
É directo (a falar)	É indirecta
	É, sobretudo, emotiva
É menos expressivo	Tanto a ouvir como a falar, a mulher é mais expressiva
Maior capacidade espacial	Fraca capacidade espacial
Primeiro, o sexo e depois o amor	Primeiro, o amor (carinho) e depois o sexo

Diferenças que não devem ser antagónicas, mas sim complementares, fomentando o enriquecimento da relação entre o homem e a mulher!

GM

## *A Instalação do Medo, de Rui Zink*

*A Instalação do Medo* de Rui Zink é uma eloquente sátira aos comportamentos dos poderes instituídos. Bem assim, às manigâncias de que estes poderes se servem para, paulatinamente, estenderem os seus tentáculos, à luz do *panóptico* de Jeremy Bentham. O medo, a palavra-chave do texto, o seu itinerário e a sua disseminação, pela vida dos cidadãos, constituem o miolo deste texto bem marcante. E tudo numa linguagem irónica, cativante, fluente, verrinosa, pejada de neologismos, como que a comprovar que são os falantes que fazem a língua, neste caso, os que a grafam. Mas, sobretudo, a mensagem de que o poder, que pensam ter os que o detêm, ou para isso são mandatados, pode ser destronado. Afinal, o que aconteceu no final do texto: os instaladores do medo e as suas estratégias de o instalar depararam-se com a técnica ainda mais violenta de um outro agente! Na verdade, o poder circula, não é pertença apenas de um grupo ou de alguém.

Em suma: um texto que prende o leitor desde o início, pois, para além dos aspectos referidos, está absolutamente enquadrado nos dias em que vivemos.

Maria Cacilda Marado





## Generalidades

Lembrando Manuel Alegre...

“Um quadrado de luz  
um rectângulo  
de sombra  
*pura geometria*” dizia Manuel Alegre.

Lembrou-se de que, em tempos, rabiscara qualquer coisa que, depois, lera aos alunos para lhes despertar o gosto pela geometria. Talvez tivesse sido induzida por um livro de Manuel Alegre, onde lera o verso, acima. Dera-lhe o título:

### RÉSTEAS de LUZ

Entrou naquele quartinho  
onde sempre se escondia.  
Estava escuro, passara o tempo  
já há muito declinava o dia.  
Desce a luz hora a hora  
no desejo de alcançar a noite.  
E algum fumo reflecte, lá fora,  
brilhos que espreitam  
para dentro.  
Passando os quadradinhos  
dos vidros da janela.  
Num cantinho perto desta,  
até o chapéu pendurado  
descansa, de ao Sol ter andado,  
todo o dia.  
Olho o círculo da sua aba,  
Vejo a copa semi-esférica.  
Cá está a Geometria!

Olha sempre o que te rodeia com atenção  
redobrada. Procura a Geometria.  
Aqui havia quadradinhos na janela, círculos na aba  
do chapéu! A copa lembrava esferas... que se  
podem partir a meio e até esvaziar...  
Se olharmos à nossa volta, quando vamos passear,  
temos muito que observar...

*M. José Sampaio*

**“A felicidade não está em possuir mais dinheiro,  
mas na alegria de conseguir o almejado...”**

--- x ---

**“O mais feliz dos felizes é aquele que faz os  
outros felizes.”**

*Alexandre Dumas*



### PÁSCOA-PASSAGEM

Com amor, como Pai Onnipotente,  
O Homem, Deus criou à Sua Imagem;  
Pôs nele a Sua marca, uma mensagem  
Que no fundo da alma ele presente!

Dos outros seres criados é dif´rente:  
Possui inteligência, ardor, coragem.  
Sabe que o seu destino é uma Passagem  
E que certo, afinal, só o Presente!

Quer descobrir da vida o seu sentido,  
Saber porque se encontra assim perdido  
Na procura do amor, da felicidade!...

Porém não há respostas para dar  
E apenas Deus lhe pode saciar  
Esse anseio que tem de eternidade!

*Maria Celeste*

### *Feliz Páscoa!...*

